

O PARAÍSO TALVEZ SEJAM OS OUTROS

JOÃO TEIXEIRA LOPES*

Às vezes só pensamos no destino e esquecemo-nos que a viagem é também um percurso e uma forma de chegar. Esta peça é uma narrativa sobre destinos mutilados de travessias, porque nos esquecemos que uma cidade é também esse acto de atravessamento, de encontro em direcção ao outro e à permanente estranheza que ele representa. Afinal, o que é uma rede de metro se não uma multiplicação de conexões e bifurcações? Contudo, não só temos medo de nos perdermos no labirinto, como receamos o imprevisto, bloqueados na mesmidade que confirma o que já somos ou julgamos ser. Dessa conjugação de medos nasce uma poderosa dissociação que enfraquece a experiência urbana: o cisma entre interior (íntimo, protegido) e exterior (público, exposto), e a resistência tenaz ao encontro não planeado.

Ao espectador será dada a oportunidade de vislumbrar uma pequena parte destas *personae*, uma representação do seu interior. Falemos, por exemplo, dos objectos de estimação, e da obstinação em lhes darmos um sentido, para através deles comunicarmos e construirmos uma ordem provisória: o espelho inquebrável, o sofá de arpeios, o *puff*



do esquecimento, a raquete alada de ténis, a mesa onde se serve o tempo, a mítica escrivadinha do antepassado... Habitualmente, estes interiores são quase secretos. A pessoa, na sua relação com os outros, mostra apenas fragmentos, como se fosse uma casa com várias divisões, exibida com muita parcimónia às visitas: alguns conhecerão os jardins; outros franquearão a porta, mas não passarão da cozinha; outros ainda, um pouco mais afortunados, percorrerão a sala de estar e quiçá entrarão de mansinho no quarto.



Mas ninguém terá o privilégio da grande festa em que se conhece a casa inteira.

Aparentemente, nada haveria de mais neutral do que uma estação de metro: uma plataforma para chegar a um destino, um parêntese entre percursos, um não-lugar, sem história, identidade ou relação. As nossas cidades, apesar de tendências contraditórias, estão repletas de forças de neutralização, de esmorecimento, que contêm os impulsos relacionais, reduzem a produção de sentido e nos protegem da contaminação (em termos de blindagem identitária,

mas também na destrição entre o público e o privado, tornados incomunicáveis). Cidades genéricas, esquecidas do tempo, sem centro e sem complexidade. Em tais contextos, a plataforma de metro adia e suspende a vida, porque não se está ali, está-se apenas à espera do metro que nos levará a outro lugar, diluindo as diferenças (que são visíveis, mas às quais permanecemos indiferentes) e a presença do outro.

Mas de repente, na plataforma cénica, abre-se a possibilidade da existência. Porque viver requer palavras, gestos,

redes de discursos e interlocuções, atravessamentos. Estas *personae* não querem repetir o tédio – algo de novo há-de surgir. Então, a velha senhora que pensa ser Gene Kelly abre o chapéu-de-chuva e canta; a mulher cansada enrola-se no frenesim da sua vida; o homem com raiva faz das pragas preces; o maníaco do cinema recita as falas que lhe mordem o cérebro e desenrolam-se estórias sobre o passado e o futuro, coisas pequenas, sem importância, como sabermos de alguém que não gosta de jantar sozinho; ou de fulana que acordou bem-disposta e a sentir-se viva; ou de beltrano que não aguenta mais as pressões que parecem não parar ou dos gatos preguiçosos e teimosos que se insinuam num relato de solidão e aconchego.

As pessoas formam-se neste emaranhado de sentidos, que as interações transportam e disseminam por palavras, gestos, ritmos corporais, posturas, enunciações e silêncios. Através deles vemo-nos a nós mesmos, tornamo-nos estranhos, saímos de nós, para a nós voltarmos, carregados das percepções dos outros e das percepções de nós sobre as percepções dos outros sobre nós, numa espiral que mete medo, que paralisa e que convida a um jogo de escondidas que depois deixa de ser jogo e se transforma numa rotina torpe, que simplifica, prevê, reduz, classifica.

Algumas estórias repõem a ligação entre a memória, o presente (da vida e da representação) e o devir. Diz a velha senhora, sentada na espera do metro: “O melhor piropo que já ouvi foi há muitos anos atrás, ia com a minha mãe e as minhas irmãs e passava um grupo de magalas do outro lado da rua. Um deles

aproxima-se da minha mãe e diz-lhe: ‘Minha senhora, dê-me as suas lindas filhas, que eu dou-lhe um cabaz de netos!’”

Nesta peça brota o inclassificável que nasce da viagem e do risco do encontro. É perigoso, nos dias que correm, envolvermo-nos com o transeunte ou o andante paralisado na espera desse metro alegórico que nunca virá? Que palavras diremos, que gestos, que toques? Há como que uma lei tácita de não interferência e de desconhecimento mútuo. A cidade torna-se cenário e as atmosferas recriam-se em mil paraísos ciber e hiper-reais.

Para que o interdito revele a sua dissimulada força, quebram-se as regras e a persistente submissão a essa lei de bronze da indiferença. Eis que se falam, se abraçam, se gritam. Por estarem em presença, são corpos no diapasão do tempo e do espaço, são a paisagem do olhar. Os outros são para levar a sério. Para ver e sentir – de múltiplos ângulos e variegadas perspectivas, como num quadro cubista. A opção contrária é não olhar. Se estivéssemos na rua, perante o mendigo que se aproxima, o cigano romeno que pretende vender uma bugiganga ou a mulher de aparência duvidosa que nos instiga, continuaríamos a andar, para mudar de rua como quem muda de cenário. Na espera do metro, baixamos os olhos, como os carros baixam os faróis. Mas no teatro aprendemos o princípio da transgressão.

Esta cidade é e não é o Porto. Tem pronúncia – é o Porto. Tem traços de ruralidade em escombros – é o Porto. Tem desempregados – é o Porto. Ressalta o tom plebeu, a arraia-miúda de que já falava Fernão Lopes – é o Porto.

Mas no esmorecimento do contacto e do encontro, poderia ser outra cidade qualquer, num *standard* de túneis, pontes, viadutos, estações de metro e ruas onde passamos como num *travelling*, sem parar, sem querer ser provocado, ou tocado ou interpelado, imersos nas *bubble laws* de uma civilidade que só permite a fusão no ambiente extraordinário do entretenimento ou no exotismo zoológico do multiculturalismo festivo. As linhas da diferença – de classe, de género, de etnia, de idade, de aspecto, de estilo – marcam fronteiras que nos tornam preguiçosos a uma visualidade mais atenta, capaz de destapar as marcas e as feridas da cidade e desvendar a carne viva que existe nas pessoas para além da máscara.

Quando entrei pela primeira vez na sala de ensaios do Ateneu, encontrei os participantes envolvidos alegremente numa valsa: velhos e novos, homens e mulheres, profissionais e amadores, alguns deles “recrutados” num anterior *workshop*. Sociólogo que sou, indaguei pelas profissões e a condição perante o trabalho daquela gente: actores profissionais, uma bailarina, um malabarista, vários reformados e alguns jovens adultos desempregados. O encenador, esse, assemelhava-se a um mestre-de-cerimónias: “Vocês não estão no Porto, estão em Viena, em 1862, num concerto Promenade!” Giravam e pareciam felizes. Por momentos, uma nave largava amarras e perdia-se no oceano.

Nos exercícios de desinibição escutei ainda pela primeira vez os Tiger Lillies na faixa “Pretty Lisa”, transportando-nos para um ambiente onírico de

reminiscências circenses. O Nuno Cardoso percorria a sala de um lado ao outro e transmutava-se em máquina efabulatória, envolvendo-nos com sugestões imagéticas: “Quantas vezes olhamos hoje o céu?”; “olhem uns para os outros, vejam-se e depois encarem o público: vocês estão nus!” Ninguém parecia assustado.

O teatro cria uma comunidade de acontecimentos para uma comunidade de estranhos. Estranhos, aqueles que representam, *personae*. Estranhos, os que habitualmente designamos por públicos. No teatro e na vida corremos riscos, quando decidimos encontrar-nos. Na fímbria do teatro e da vida, talvez percebamos o que é viver como um outro e nesse eventual vislumbre ganhamos o dia, ou quem sabe, a vida, essoutra raridade.

* Sociólogo

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.